

Mara Coelho de Souza Lago
Universidade Federal de Santa Catarina

Cristina Scheibe Wolff
Universidade Federal de Santa Catarina

Masculinidades, diferenças, hegemonias

Copyright © 2013 by Revista
Estudos Feministas.

"É inegável que o feminismo veio abalar a idéia de uma masculinidade admitida como natural e, assim, abriu caminho para o seu questionamento histórico".
Pedro Paulo de Oliveira, 1998, p. 108.

¹ Tim CARRIGAN, Bob CONNELL e
John LEE, 1985.

Conforme já assinalamos, esta é a segunda vez que a REF dedica uma seção ao tema das masculinidades. O dossiê organizado por Maria Luiza Heilborn e Sérgio Carrara em 1998, além da apresentação a quatro mãos, contou com três artigos, escritos por mulheres sobre pesquisas realizadas por elas: Ondina Fachel Leal, Maria Luiza Heilborn e Marília Pinto Carvalho. Dos três artigos, apenas o de Ondina, que foi traduzido para o inglês para compor o encarte que a REF apresentou durante todo o tempo de sua publicação no Rio de Janeiro, não fazia menção ao conceito de masculinidade hegemônica. A primeira citação do texto de Heilborn e Carrara é o artigo de Carrigan, Connell e Lee,¹ e a categoria é utilizada brevemente por Heilborn em seu artigo. As duas autoras refletem sobre sexualidades. É Marília Carvalho, no entanto, que desenvolve parte importante de sua argumentação (em pesquisa com homens que exercem uma profissão feminina, o magistério para crianças), baseando-se no conceito de masculinidade hegemônica.

No mesmo ano foi publicado nos *Cadernos Pagu* o dossiê intitulado Masculinidades, do qual constam um artigo sobre clonagens e encruzilhadas de gênero, de Rosely Gomes da Costa, uma entrevista com Miguel Vale de Almeida realizada por Mariza Corrêa e Adriana Piscitelli privilegiando a perspectiva antropológica nos estudos de masculinidades, além dos artigos de Lia Zanotta Machado, Maria das Dores Campos Machado, Maria Angélica Lopes

e Maria José Somelarte Barbosa, derivados de suas participações em mesas-redondas organizadas por Peggy Sharpe e Mônica Schpun sobre a construção cultural da masculinidade para o congresso da Brazilian Studies Association (BRASA), ocorrido em Washington em 1997. Esses textos, que apresentam reflexões sobre pesquisas realizadas pelas autoras nas áreas de ciências sociais e literatura sobre diferentes temas envolvendo relações de gênero e masculinidades, tiveram continuidade nos artigos publicados no volume seguinte dos *Cadernos Pagu* (volume 12/1999), de autoria de Jeffrey Tobin e Mônica Raisa Schpun, também originados de trabalhos apresentados no congresso da BRASA,² e no artigo de Norma Telles, análise literária de romance que desenvolve os temas daquele volume da revista, de homenagem a Simone de Beauvoir, sobre casal que procura reeditar, no interior do Brasil, as relações de conjugalidade de Simone e Sartre.

² As discussões suscitadas pelos trabalhos levados a esse congresso tiveram desdobramentos posteriores na organização por Mônica Raisa Schpun da coletânea *Masculinidades*, publicada por Boitempo Editorial e EDUNISC em 2004.

Nos artigos do dossiê e do volume 12 dos *Cadernos Pagu*, de autoria de mulheres em sua quase totalidade, privilegiando análises desenvolvidas nos campos da antropologia, da história e da literatura, não se encontram muitas referências aos estudos de Connell e ao conceito de masculinidade hegemônica. São citados com mais frequência Sócrates Nolasco, Miguel Vale de Almeida, Michael Kaufman, Pierre Bourdieu, Michel Foucault, além de autores/as que se destacam nos diferentes campos, como Marilyn Strathern, Donna Haraway, Elisabeth Badinter, Judith Butler, Louis Dumont, Georges Bataille, Phillippe Ariès, Daniel Welzer-Lang, e autoras/es que estão produzindo sobre o tema e as temáticas a eles imbricadas no Brasil, como Rosiska Oliveira, a própria Lia Zanotta Machado, Peter Fry, Angela Almeida, entre outras/os.

Em 1998, foi também publicada pela Editora 34 a coletânea *Homens e masculinidades: outras palavras*, organizada por Margareth Arilha, Sandra Unbehaum Ridenti e Benedito Medrado. Essa primeira coletânea focada nos estudos sobre homens trouxe oito artigos escritos por mulheres e cinco elaborados por pesquisadores homens. Os temas, que dividem a coletânea em três partes, foram, respectivamente, sexualidade e reprodução, com foco em dimensões do masculino; os homens e o cuidado infantil: permanências e rupturas, contendo dois artigos de autoria masculina; e relatos de experiências, com três artigos produzidos por homens.

Com financiamento da Fundação MacArthur e sediado na Fundação Carlos Chagas, teve início em 1990 o Programa de Dotações para Pesquisa sobre Direitos Reprodutivos (Prodir) na América Latina e no Caribe com o objetivo de propiciar treinamento em pesquisa e apoiar

³ Sandra AZEREDO, 1994.

projetos inovadores que analisassem as condições do exercício da sexualidade e da reprodução.³ O terceiro Prodir foi dedicado ao estudos de masculinidades e paternidades perante a questão dos direitos reprodutivos. Foram contempladas pesquisas realizadas por homens sobre o tema e começaram a se evidenciar as autorias masculinas nos artigos dedicados às questões de paternidade e reprodução. No dossiê *Relações de Gênero e Saúde Reprodutiva da Revista Estudos Feministas* (n. 1, 2000), organizado por Luzinete Simões Minella e Maria Juracy Toneli Siqueira, entre os sete artigos apresentados, dois foram produzidos por pesquisadores homens, Juan-Guillermo Figueroa-Perea, o primeiro, Jorge Lyra e Benedito Medrado, o segundo.

Os estudos de violência envolvendo as relações de gênero naturalmente precisaram desenvolver reflexões sobre homens e as estreitas relações entre as construções patriarcais de masculinidades subordinadoras das mulheres, e violentas.

As intensas polêmicas que envolvem o tema das violências e as lutas feministas pelo fim da violência contra as mulheres, que marcaram os movimentos feministas desde a eclosão da segunda onda do feminismo no Brasil, na década de 1970, culminaram com a promulgação da Lei n. 11.340/2006, de combate à violência familiar e doméstica contra a mulher. Nessa lei, além das medidas protetivas para as mulheres e os filhos, e das penalizações previstas para o “agressor”, está definida também a necessidade de atendimento aos homens autores de violência para que se estabeleçam novos valores e padrões de comportamento nas relações de gênero. Pesquisa realizada sob a coordenação de Maria Juracy Toneli Siqueira resultou em coletânea relatando experiências de atendimento a homens autores de violência por serviços de atendimento psicológico e psicossocial, em vários países da América Latina. A maioria desses relatos foi feita por homens, coordenadores e/ou implantadores de grande parte desses serviços.⁴

⁴ Maria Juracy Filgueiras TONELI SIQUEIRA et al., 2010.

Aquele que pensamos ser o primeiro artigo da Revista dedicado especialmente ao tema “Discursos sobre a masculinidade”, de Pedro Paulo de Oliveira, foi publicado no número 1 do mesmo volume da REF em 1998. O autor realiza uma pesquisa bibliográfica bastante completa, entre autores nacionais e estrangeiros voltados para os estudos de homens e masculinidade (ainda no singular), num balanço complementar ao realizado no primeiro artigo desta seção da REF. Oliveira analisa os discursos que emergem dos textos e os caracteriza quanto à maneira como os homens eram tratados nas pesquisas (realizadas por homens, na quase totalidade) e em relação às filiações teóricas de seus autores. Entre os brasileiros, os mais citados foram Sócrates Nolasco,

autor de várias publicações, e Jurandir Freire Costa. Entre os estrangeiros, Carrigan, Connell e Lee, Michael Kaufman, Pierre Bourdieu, Michael Kimmel e Michael Messner, além de outros. Em sua análise crítica, Oliveira se detém também na consideração dos conceitos de masculinidade hegemônica, utilizado como alternativa ao de papel social para dar conta das questões de poder imbricadas nas relações de gênero, e na construção de tipos de masculinidade subordinada, “[...] tais como a masculinidade homossexual que lhe serve de contraponto e anti-paradigma”.⁵

⁵ Pedro Paulo de OLIVEIRA, 1998, p. 104.

O texto de Daniel Welzer-Lang, publicado pela REF em 2001, “analisa os esquemas, o *habitus*, o ideal viril, homofóbico e heterossexual, que constroem a identidade e a dominação masculina”.⁶ Para isso, o autor realizou uma revisão bibliográfica da literatura feminista francesa contemporânea voltada para os estudos das relações sociais de sexo, dando continuidade a estudos teóricos anteriores em que buscou definir o heterossexismo, a homofobia e suas ligações com a dominação masculina.

⁶ Daniel WELZER-LANG, 2001, p. 460.

Benedito Medrado e Jorge Lyra, em artigo publicado na *Revista Estudos Feministas* em 2008, trazem um tema também bastante discutido atualmente e já tratado no artigo mencionado de Welzer-Lang, a perspectiva feminista que se impõe, segundo os autores, aos pesquisadores que realizam estudos de masculinidades e que desenvolvem ações militantes com homens voltadas às questões de saúde, reprodução e violência.

A presente Seção de Artigos Temáticos inicia assim, oportunamente, com o artigo de Robert W. Connell em coautoria com James W. Messerschmidt “Masculinidade hegemônica: repensando o conceito”, publicado pelos autores duas décadas após a proposição do conceito em relatórios de pesquisa e discussões acadêmicas sobre o papel dos homens em diferentes instituições e sobre a construção de masculinidades e corpos masculinos, e sua sistematização no artigo de Tim Carrigan, Bob Connell e John Lee “Towards a New Sociology of Masculinity”, publicado pela revista *Theory and Society* (n. 5, 1985).

Oportunamente porque nas ciências sociais, junto às reflexões sobre a dominação masculina desenvolvidas por Pierre Bourdieu, a concepção de masculinidade hegemônica tem sido uma das mais utilizadas/discutidas nos estudos sobre homens, também no Brasil. O artigo, generosamente disponibilizado por Raewin Connell e James Messerschmidt e pela revista *Gender & Society* para a tradução de Felipe Bruno Martins, a quem a REF tem muito a agradecer, faz um balanço dos 20 anos de uso do conceito de masculinidade hegemônica em pesquisas na área dos *men's studies*, em

⁷ Assinalamos a falta de menção à pesquisa de Miguel Vale de Almeida, realizada em Portugal e publicada em 1995, que se utilizou do conceito de Connell, contribuindo para sua divulgação nos países de língua portuguesa (Miguel Vale de ALMEIDA, 1995).

⁸ E aqui cabe pontuar a escassa tradução da obra de Connell no Brasil.

inúmeras instituições, por muitos/as pesquisadores/as, em diferentes países do mundo ocidental.⁷

O artigo é, certamente, de interesse atual e traz uma análise bastante extensa de diferentes pesquisas sobre homens e masculinidades desenvolvidas em muitos lugares, especialmente os países de língua inglesa,⁸ constituindo-se em proveitosa pesquisa bibliográfica. Connell e Messerschmidt analisam os usos do conceito de masculinidade hegemônica (e masculinidades subordinadas) nessas pesquisas e textos, avaliando também as críticas que lhes foram atribuídas. Procuram revisar o conceito, naquilo que foi confirmado de suas formulações iniciais, como a ideia de múltiplas masculinidades e a ênfase na transformação, assim como propõem o descarte de aspectos que as pesquisas e os estudos posteriores mostraram ser inadequados, como o tratamento unidimensional da hierarquia e as concepções de tipos fixos de masculinidades.

O segundo artigo desta seção, de Mónica De Martino Bermudez, "Connell y el concepto de masculinidades hegemónicas: notas críticas desde la obra de Pierre Bourdieu", testemunha a atualidade dessas discussões. A autora reedita críticas a Connell quando põe em diálogo seu texto publicado em 1987, "Gender and Power: Society, the Person and Sexual Politics", nos aspectos que se relacionam a gênero, prática e estrutura social, com a obra de Bourdieu, que produziu uma teoria sociológica com posições originais sobre estrutura e prática social que se refletem nos estudos de gênero. Contestando a crítica de Connell a Bourdieu, e defendendo a flexibilização do conceito de hegemonia aplicado a gênero, a autora se apoia nas concepções de *campo* e *habitus* do último para pensar as práticas de gênero dos homens como *estratégias de masculinização*.

Os artigos apresentados a seguir nesta seção sobre masculinidades referem-se a pesquisas, etnográfica, a primeira, documental e literária, as seguintes, voltadas para a questão da homossexualidade masculina. Assim como os estudos de masculinidades são relacionados aos estudos feministas, particularmente à utilização da categoria "gênero" nos estudos sobre mulheres, autores e autoras dedicados aos estudos de masculinidades articulam seus primórdios aos movimentos gays e ao consequente desenvolvimento dos estudos de homossexualidade.

[...] o poder e a diferença foram conceitos centrais no movimento de liberação gay, o qual desenvolveu uma análise sofisticada da opressão do homem assim como da opressão pelo homem [...]. Alguns teóricos perceberam a liberação gay como ligada a um ataque aos estereótipos de gênero [...]. A ideia de uma hierarquia das masculinidades cresceu diretamente

⁹ Robert CONNELL e James MESSERCHMIDT, 2013, neste número.

¹⁰ WELZER-LANG, 2001, p. 470.

a partir da experiência de homens homossexuais com a violência e o preconceito dos homens heterossexuais.⁹

Como grupo dominado, os homossexuais masculinos colocaram em evidência as condições de opressão: repressão em diversos países, direitos distintos de outros homens dando a impressão de serem considerados como cidadãos de segunda ordem, agressões no espaço público [...].¹⁰

“Machos e *Brothers*: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas *on-line*”, de Richard Miskolci, problematiza o “armário”, ou seja, o espaço de controle da sexualidade segundo a norma heteronormativa, realizando uma etnografia de relações homoeróticas entre homens que utilizam a internet para conhecer e estabelecer relações com outros homens sem divulgar uma identidade *gay* e mesmo, algumas vezes, sem renunciar a suas relações com companheiras mulheres. O artigo debate, portanto, uma forma de masculinidade construída à revelia da sexualidade que reforça estereótipos e normas sociais ao mesmo tempo que permite que esses homens vivam suas relações homoeróticas.

Ao analisar os autos de um crime de assassinato de um homem homossexual nos anos 1950 no Rio de Janeiro, Rivail Carvalho Rolim e Fabiana Cardoso Malha Rodrigues mostram como, apesar de nessa época no Brasil não haver uma legislação que proibisse ou penalizasse a homossexualidade, o sistema judiciário acabava penalizando os homossexuais e utilizando o preconceito para justificar os crimes cometidos contra eles. O processo tratava do assassinato de um taxista – que também era homossexual – por dois rapazes estrangeiros que, em sua defesa, alegaram apenas estar defendendo-se das proposições de um “pederasta”. O artigo analisa o discurso da justiça, mas também deixa entrever a opinião dos outros taxistas que serviram de testemunhas no processo, mostrando como a homofobia marcava as relações entre homens.

Em “Não contar a ninguém ou contar a todo mundo? Colapsos da masculinidade em *No se lo digas a nadie*”, Anselmo Peres Alós analisa o romance do peruano Jaime Bayly. No romance, o autor conta a história de um jovem peruano desde sua infância até a idade adulta, enfatizando a descoberta de sua sexualidade e os enfrentamentos, os preconceitos e as dificuldades causados pela homofobia da sociedade peruana. No artigo, Anselmo Alós chama a atenção para o potencial subversivo do romance, marcado pela *diferença* e pela *resistência* aos dispositivos de regulação das identidades sexuais.

Finaliza esta seção o artigo de Juan-Guillermo Figueroa-Perea, "Algunas reflexiones sobre el estudio de los hombres desde el feminismo y desde los derechos humanos", com uma oportuna reflexão sobre as complexas, e muitas vezes tensas, relações entre os estudos feministas, os estudos de gênero e, como derivados desses, os estudos de masculinidades. Discutindo a adoção das perspectivas feminista e de gênero (que são distintas, mas não necessariamente se colocam como antagônicas, conforme ressalta) por teóricos/as dedicados/as aos estudos de masculinidades, Figueroa-Perea reflete sobre trabalhos voltados às áreas da saúde, dos direitos reprodutivos e da violência em que as questões referentes aos homens têm sido mais visibilizadas. O autor analisa discussões em mesas-redondas sobre masculinidades, gênero, feminismos, realizadas no México com a inclusão de participantes de outros países onde as relações entre academia e movimentos sociais, que envolvem o trabalho de intervenção, foram alvo de reflexões. Figueroa-Perea enfatiza a importância da categoria "direitos", também referidos aos homens, para os estudos de masculinidades.

Esta Seção de Artigos Temáticos agrupa, assim, um conjunto de textos que permitem um panorama sobre masculinidades plurais e, ao mesmo tempo, uma reflexão sobre as possibilidades do uso dessa categoria em uma perspectiva comprometida com os estudos feministas.

Referências

- ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.
- ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra Unbehaum; MEDRADO, Benedito (Org.). *Homens e masculinidades: outras palavras*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1998.
- AZEREDO, Sandra. "Apresentação". In: COSTA, Albertina de Oliveira; AMADO, Tina (Org.). *Alternativas escassas: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina*. São Paulo: Prodir/FCC; Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- BESSA, Karla Adriana Martins (Org.). "Dossiê Masculinidades". *Cadernos Pagu*, v. 11, p. 157-343, 1998.
- CARRIGAN, Tim; CONNELL, Bob; LEE, John. "Towards a New Sociology of Masculinity." *Theory and Society*, v. 14, n. 5, p. 551-604, 1985.
- CONNELL, Robert. *Gender and Power: Society, the Person and Sexual Politics*. Sidney, Austrália: Allen and Unwin, 1987.
- CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. "Masculinidade hegemônica: repensando o conceito". *Revista Estudos Feministas*, CFH/CCE/UFSC, v. 21, n. 1, p. 241-242, 2013.

- HEILBORN, Maria Luiza; CARRARA, Sérgio. "Dossiê Masculinidade. Em cena, os homens...". *Revista Estudos Feministas*, IFCS/UFRJ, v. 6, n. 2, p. 270-421, 1998.
- MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. "Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades". *Revista Estudos Feministas*, CFH/CCE/UFSC, v. 16, n. 3, p. 809-840, 2008.
- MINELLA, Luzinete; TONELI SIQUEIRA, Maria Juracy (Org.). "Dossiê Novas Tecnologias Reprodutivas". *Revista Estudos Feministas*, IFCS/UFRJ, v. 6, n. 1, p. 127-228, 1998.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo de. "Discursos sobre a masculinidade". *Revista Estudos Feministas*, IFCS/UFRJ, v. 6, n. 1, p. 91-112, 1998.
- SCHPUN, Mônica Raisa. "Entre feminino e masculino: a identidade política de Carlota Pereira de Queiroz". *Cadernos Pagu*, v. 12, p. 331-377, 1998.
- _____. (Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz: EDUNISC, 2004.
- TELLES, Norma. "Um palacete todo seu". *Cadernos Pagu*, v. 12, p. 379-399, 1998.
- TOBIN, Jeffrey. "A performance da masculinidade portenha no churrasco". *Cadernos Pagu*, v. 12, p. 301-329, 1998.
- TONELI SIQUEIRA, Maria Juracy Filgueiras et al. *Atendimento a homens autores de violência contra as mulheres: experiências latino-americanas*. Florianópolis: UFSC/CFH/NUPPE, 2010.
- WELZER-LANG, Daniel. "A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia". *Revista Estudos Feministas*, CFH/CCE/UFSC, v. 9, n. 2, p. 460-481, 2001.